



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ADROALDO CEZAR ARAUJO GAYA

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias
Número da entrevista: E-107
Entrevistado: Adroaldo Cezar Araujo Gaya
Nascimento: Não informado
Local da entrevista: ESEF/UFRGS
Entrevistadores: Karine Dalsin
Data da entrevista: 26/04/2005
Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros
Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros
Copidesque: Johanna Coelho Von Mühlen
Pesquisa: Caroline Canabarro
Fitas: (01 fita) 107/01-A e 107/01-B
Total de gravação: 35 minutos
Páginas Digitadas: 18
Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel
Número de registro: 01956/2008/01
Número de registro da fita: 01956/2008/01
Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

GAYA, Adroaldo Cezar Araujo. *Adroaldo Gaya (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Ingresso na ESEF-UFRGS na década de 70. Preocupação do desenvolvimento de pesquisas; criação do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX). Separação das aulas para alunos e alunas. A influência do Regime Militar. Características da Educação Física da época. Diretório Acadêmico da época tendo como principal foco a organização de eventos culturais e esportivos. Relação da ESEF com a Universidade. Cargos assumidos dentro da Escola (coordenação do CENESP). Proposta de criação do Instituto de Ciências do Movimento Humano (incluindo cursos de dança e fisioterapia). Vida da comunidade esefiana, forte sentimento de identidade. Mudanças curriculares. Acontecimentos pitorescos na rotina da Escola. Participação na diretoria do CBCE. Influências médicas e militares na história da Educação Física. Ensino, pesquisa e extensão na Escola.

Porto Alegre, 26 de abril de 2005. Entrevista com Adroaldo Cezar Araujo Gaya, a cargo da entrevistadora Karine Dalsin, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - O que lhe motivou a vir para a Escola¹?

A.G. - Foi o professor de Educação Física na Escola Técnica de Agricultura em Viamão². Na realidade a minha intenção primeira era ser agrônomo e, portanto, fiz o segundo grau na Escola Técnica de Agricultura. Lá eu mais ficava praticando esporte do que propriamente assistindo as aulas técnicas. O professor de Educação Física era o professor Delmar Reis³, que é irmão do peixinho, nosso Werner dos Reis⁴, que também tinha sido meu professor e treinador de natação no União⁵. Já nos conhecíamos do União e da Escola. E aí esse professor conversando comigo um dia, me perguntou por que eu ia fazer agronomia se eu era tão ligado no esporte e por que eu não fazia Educação Física, me alertou para isso. E, realmente, ao final do curso eu fiz vestibular para Educação Física para a UFRGS⁶ e, foi em 1971 nós entramos aqui na faculdade. Era uma turma imensa, de 150 alunos. Naquele tempo o curso tinha três anos e as aulas eram todas elas seriadas, não tinha... Tinha um turno de manhã e um turno à tarde e nesse grupo então nós iniciamos o curso... Que era um curso muito ainda diferente do que nós temos hoje, era um curso aonde a disciplina era rígida, onde tinha os uniformes, onde tinha as filas e ordem unida, essas coisas todas que era muito comum naquela época. E nessa turma casualmente estavam – aqui da Escola hoje – o professor Mário Brauner⁷, o professor Moraes⁸, o professor Guimarães⁹, o professor Ricardo Petersen¹⁰, que eram do mesmo grupo. As aulas começavam às sete e meia da manhã e iam até as dez horas. Eram aulas teóricas e depois das dez em diante eram as aulas práticas: voleibol, futebol. Naquele tempo a gente tinha

¹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² Cidade do Rio Grande do Sul, próxima a Porto Alegre

³ Irmão de Jayme Werner dos Reis

⁴ Jayme Werner dos Reis, apelidado de “peixinho”

⁵ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União

⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁷ Mário Roberto Generosi Brauner

⁸ Luiz Fernando Ribeiro Moraes

⁹ Antonio Carlos Stringhini Guimarães

¹⁰ Ricardo Demétrio de Souza Petersen

forte influência da ditadura militar, então havia uma forte tendência militarista também, muito controle nas coisas e, paralelamente a isto, o ufanismo do Brasil... Das paradas militares, das paradas estudantis. Bom, isso foi basicamente na nossa época, mas já no meio do curso passa a haver uma mudança substancial principalmente pelas mãos do Eduardo De Rose¹¹. Começa a haver preocupação com a pesquisa. O Eduardo De Rose, ele implantou o... Começa a implantar o Laboratório de Pesquisa, o LAPEX¹², o nosso LAPEX, que era lá onde é o CEME¹³ hoje. O LAPEX na realidade trouxe esta nova visão da pesquisa, da preocupação com a pesquisa. E o De Rose enviou para o Rio de Janeiro¹⁴ um grupo de professores que iam fazer um curso de pesquisadores em educação física. Este curso era feito na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o Dr. Maurício da Rocha¹⁵. Nesse grupo fui eu, o Guimarães, o Ricardo e mais outros colegas, que formaram o primeiro grupo de alunos que se ligaram à pesquisa aqui na ESEF¹⁶, no LAPEX. Realmente a coisa mudou bastante, começou a pesquisa, começaram os primeiros trabalhos a serem feitos. O LAPEX era um dos três laboratórios equipados do Brasil inteiro, o De Rose, com todo conhecimento que ele tinha e com toda a influência que ele tinha – política também – conseguia várias coisas para cá. Acho que nesse momento a ESEF muda um pouquinho... De uma questão mais técnica, para uma questão mais científica. Nesse laboratório que se forjam professores como Jorge Pinto Ribeiro, como o próprio Álvaro¹⁷, que são pessoas que foram depois ao longo do tempo, ingressando nesses grupos de pesquisa. Que mais que eu posso te dizer assim de interessante? Interessante também que, naquela época, era o fato de que a Escola tinha uma piscina que era um tanquezinho de dezesseis metros, que fica ali onde hoje é e frente do PET¹⁸, onde tem... E ali era água fria. Então, a natação a gente só tinha intensivo na época de primavera para diante, mas mesmo assim era muito frio, era muito frio. Ali a gente tinha que fazer as aulas de natação e com todo o frio possível... Tinha as cachacinhas para tomar antes, essas coisas que eram muito interessantes... E, em termos importantes na vida estudantil eram os jogos. Tinha os jogos das escolas de educação física, os JUGEFS¹⁹, que naquele tempo era uma forte competição

¹¹ Eduardo Henrique De Rose

¹² Laboratório de Pesquisa do Exercício

¹³ Centro de Memória do Esporte

¹⁴ Capital do Estado do Rio de Janeiro

¹⁵ Maurício Rocha e Silva

¹⁶ Sigla da Escola de Educação Física da UFRGS

¹⁷ Álvaro Reischak de Oliveira

¹⁸ Programa de Educação Tutorial

¹⁹ Jogos Universitários Gaúchos de Educação Física

entre o IPA²⁰ e a UFRGS²¹. Também tinha os Jogos Universitários Brasileiros, tinha os Jogos dos Calouros, tinha inter-universitários dentro da UFRGS. Era uma vida acadêmica bastante agitada em termos de jogos, de festas e de atividades acadêmicas nesse sentido.

K.D. - Qual era o perfil dos teus colegas, dos alunos daquela época?

A.G. - Bom, evidentemente aqui o perfil era baseado no esporte. No esporte e na ginástica. Eu lembro que a ginástica 1 que o professor Camargo²² nos dava, por exemplo, constava entre outras coisas, uma seqüência de exercícios que ia até cento e cinquenta e poucos tempos... Ao longo do semestre íamos montando e a prova final, por exemplo, era isso, toda a turma fazendo toda aquela coreografia em conjunto. As aulas esportivas eram basicamente: basquete, voleibol. Naquele tempo tinha boxe também, tinha remo, tinha esgrima. Então, fomos reproduzindo os esportes numa versão bem técnica, vamos dizer. Aprender a jogar, aprender arbitragem. Isso é curioso fazíamos muita arbitragem, viajávamos pelo interior todo do Rio Grande do Sul fazendo arbitragem de voleibol, de basquete, que a Escola mais ou menos... Seus alunos faziam essas atividades. Aí tinha as teóricas que eram anatomia, fisiologia, dadas por médicos normalmente e a cadeira didática, que era feita aqui na ESEF também pela professora Iula²³, que depois foi para fora da educação e... Eu acho que o perfil é basicamente é esse. Um professor meio militar assim, disciplinado, técnico. Mais do que um professor no sentido mais amplo Era esse técnico, tinha que ser um exemplo de postura... Enfim, um disciplinador mais ou menos, eu percebo assim. Embora a formação técnica fosse boa aqui, tinham bons professores, de voleibol, de basquete, etc... Natação...

K.D. - Mas eram...

A.G. - Naquele tempo separados! Lembrei agora, naquele tempo separava. Era aula dos meninos e aula das meninas. As aulas masculinas e femininas, os esportes eram todos separados. Professoras davam aula para as meninas, professores davam aula para os meninos.

²⁰ Instituto Porto Alegre

²¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

²² Francisco Camargo Neto

²³ Iula Maria Green Hervé

K.D. - Mas vocês tinham as mesmas disciplinas?

A.G. - As mesmas disciplinas! Só nas teóricas que juntavam as aulas, mas nas aulas práticas eram tudo separado. Tinha a professora Diva²⁴, dava aula de basquete para as meninas, o Belmar²⁵ para os meninos. E assim por diante...

K.D. - E o futebol, por exemplo?

A.G. - O futebol as meninas não tinham. Como nós também não tínhamos danças e outras coisas. Dança rítmica nós não tínhamos também.

K.D. - Visava à formação de um aluno que fosse um professor de escola?

[INTERRUPÇÃO DE FITA]²⁶

A.G. - O perfil tu perguntaste? Não, realmente a gente formava o pessoal principalmente para a escola. E era importante dizer também que naquela época os professores, os alunos já tinham emprego, inclusive no Estado, porque a carência era muito grande. Acontece que mesmo na escola, a função da Educação Física era uma função mais de saúde, disciplinador, havia essa preocupação desse perfil de formação. Então era totalmente adequado. Eu acho, por exemplo, que a formação técnica para trabalhar com esportes e com ginásticas de antes era até melhor, muito mais forte que a de hoje. Os professores trabalhavam melhor nas escolas anteriormente, do que hoje. E em todo o avanço pedagógico que houve... Acho que o avanço pedagógico trouxe essa deficiência na questão técnica, e os professores hoje não tem muita facilidade de trabalhar com as crianças... Mas era um perfil bem diferenciado realmente do que tinha hoje. Era muito higiênico... Saúde, essas coisas, exercícios, disciplina, isso era muito característico. O que estava de acordo até com o regime que a gente vivia. Até falando um pouco em regime, não sei se tem a ver com o que tu gostarias de saber, mas dentro da Escola, por exemplo, tinham vários estudantes que eram... Era um sistema que ficavam aqui vigiando os alunos, entre nós mesmos tinha colegas, professores que eram da informação do sistema. Houve colegas

²⁴ Diva Santiago Corrêa

²⁵ Belmar José Ferreira de Andrade

nossos que foram presos aqui. Então tinha todo aquele ambiente meio... Os amigos... Não sabe muito bem quem é quem. É curioso isso, porque muito tempo depois ficamos sabendo de alguns colegas nossos que eram informantes do sistema e conviviam conosco como se fosse um de nós.

K.D. - Eles não entravam via vestibular?

A.G. - Sabe que eu não sei te responder esta pergunta! Não sei! Não sei! De repente até sim, mas naquele tempo tudo era possível. Naquele tempo o que o poder queria fazer, fazia. Haviam muitos militares como alunos também da Brigada Militar, principalmente.

K.D. - Chegou a ter um atrito mais sério com o regime militar?

A.G. - Não! Teve assim... As pessoas eram chamadas na delegacia para prestar depoimento sobre as suas crenças. E, também, tinha muita gente que se prevalecia da situação de ser militar, por exemplo, e te prendiam por qualquer coisa. Inventavam qualquer coisa... Naquele regime, um pouco complicado, tudo valia. É interessante essa passagem... Naquela época.

K.D. - E o diretório acadêmico? Tu chegaste a ter algum envolvimento com o diretório?

A.G. - Quando nós entramos aqui, o presidente do diretório era o João Rosa²⁷. Eu me lembro que eu era acadêmico... Nos deram uniforme, uma sacolinha... O diretório acadêmico, com uniforme, com bonézinho. Naquela época, era muito mais um diretório cultural-esportivo, do que realmente político. Era muito organizado: tínhamos jogos, competições, muitas festas, tínhamos muitas atividades. Claro, tudo muito ligado às questões esportivas e culturais e muito pouco ligada à questão política. Depois vem uma nova fase, que foi o próprio Paulo Hollerbach – que foi esse, que dá o nome ao diretório hoje, que também é um atleta de basquetebol... Nosso diretório acadêmico normalmente sempre foi voltado mais para questão de organizar esportes, organizar torneios, organizar jogos, equipes, coordenar arbitragens pelo resto do Rio Grande do Sul, do que

²⁶ Toca o telefone.

²⁷ João Luciano Silveira Rosa

propriamente um diretório político... Também fazia... Naquele momento, para o sistema, era interessante que não houvessem muitos alunos querendo saber de coisas que na concepção do poder, não deveriam saber. E a ESEF realmente, de certa forma, era um curso de pessoas alienadas. As pessoas estarem aqui fazendo esporte, fazendo dança, jogando, sem se preocupar muito com as questões.

K.D. - Na tua época tinham bastante alunos do interior?

A.G. - Tinha, tinha bastante alunos do interior! Tinha muita gente que vinha do interior, até de Santa Catarina²⁸. Naquela época, esse curso aqui era um dos únicos. Acho que Santa Maria²⁹, aqui, o IPA, que foi o primeiro particular, a primeira escola privada. Depois vieram Pelotas³⁰, [palavra inaudível]... Mas eram poucas escolas. Aqui sempre foi o centro, foi daqui que saíram os professores para fundar as outras escolas. Era muito procurada mesmo.

K.D. - Essa mudança de caráter, até da Escola, de passar depois para questão da pós-graduação, da pesquisa... Antes de toda essa fase, como era o perfil dos professores, se não eram professores com mestrado, com doutorado?

A.G. - Eu acho que uma questão muito importante nisso tudo, eu não sei se precisar bem o ano, mas tu como historiadora deve saber... Quando passou a Escola para a Universidade, porque a ESEF era uma Escola do Estado, que inicialmente nem universidade era, e que formava professores de Educação Física. Depois ela passou a ser um curso superior, daí que veio Escola *Superior* de Educação Física, para dizer que era um curso superior, mas era do Estado. Então, nós éramos completamente alienados da vida universitária. Nós vínhamos para cá fazer ginástica, fazer exercício, correr, arremessar, jogar. E aprender a ensinar as pessoas a fazer essas coisas. Eu acho que uma coisa importante nessa perspectiva histórica, é quando passa para Universidade. Aí então nós começamos a viver como Universidade. Isso foi duro, porque em primeiro lugar, não nos queriam na Universidade, não é... Naquele período de ingerências políticas, a UFRGS teve que absorver a Escola de Educação Física. A partir daí começa a haver toda uma formação

²⁸ Estado Brasileiro

²⁹ Cidade do Rio Grande do Sul

diferenciada, tu tens que conviver nos departamentos, conviver nas reuniões, conviver nas assembleias e, obviamente, começa a haver uma integração maior da Educação Física no seio da Universidade. Isso hoje é uma coisa bem clara, bem presente, mas se tu observar, ainda há muito preconceito em relação à Educação Física na Universidade, tem passagens incríveis. Tínhamos um reitor – já há bastante tempo atrás – que foi um professor que investiu muito aqui na ESEF: fez quadras de tênis, fez a pista de atletismo, fez quadras novas, reformou o ginásio... E, quando o diretor da época foi lhe pedir salas de aula, ele ficou espantado e disse: “Mas como se já dei as salas de aula, vocês já têm todas as quadras!” Nem o reitor daquela época imaginava que tínhamos aula teórica aqui... Achava que era um grande clube. E várias outras vezes! Muitas vezes você traz alguém aqui, um professor... Você mostra um trabalho nosso, mesmo na área de história, na área da antropologia, mesmo da fisiologia, você mostra um trabalho, eles ficam espantados. Quando nós ganhamos três vezes seguidas o prêmio do Salão Científico³¹, houve um espanto. Mas como é que a Educação Física ia ganhar da Medicina, ia ganhar do não sei o quê? Porque no ideário do pessoal isso aqui é um grande clube, a gente passa o dia inteiro jogando bola aqui. Mas já foi bem pior, acho que a vinda para cá do Salão também mudou muito essa idéia. Tiveram grandes momentos... As greves foram momentos maravilhosos de aprendizagem para nós, a gente convivia com a Universidade, ia para assembleia geral e aí começava a fazer parte de comissões. Começamos a aprender a vida universitária a partir desses movimentos da ADUFRGS³², que era muito forte e tinha grandes movimentos... Convivia mais com a Universidade... A Educação Física hoje está plenamente integrada à Universidade, já foi mais difícil...

K.D. - O senhor tem que cargos desempenhados?

A.G. - Inicialmente eu fui professor, hoje sou professor titular... Atualmente eu sou coordenador da pós-graduação, *strictu-sensu*. Sou também vice-diretor da Escola, mas isso é uma questão de acidente, porque não foi eleito ainda o vice-diretor e eu sou o mais velho, sou o decano, então estou assumindo temporariamente a vice-direção. Coordeno alguns projetos importantes... A Rede Cenesp, somos preparadores técnicos da Rede Cenesp, que é a Rede de Excelência Esportiva e eu coordeno os projetos aqui. Acho que é isso, acho

³⁰ Cidade do Rio Grande do Sul

³¹ Salão de Iniciação Científica da UFRGS

que não tenho mais... Não sei o que eu fui, acho que eu não fui grande coisa, acho que foi na pós-graduação... A vida burocrático-administrativa não é alguma coisa que eu curta muito.

K.D. - Mas sempre teve participação no CONSUNI³³?

A.G. - Sempre tive participação em ambos colegiados! Sempre. No mestrado e doutorado, desde o seu início, eu sou coordenador, agora como coordenador já estou na segunda gestão. Eu sempre estive no colegiado ou estive no CONSUNI, sempre estou ligado nas questões da Escola. Esta Escola é a minha vida, esta Escola faz parte da minha vida! Eu curto muito estar aqui, eu adoro esta Escola! Então, eu estou sempre ligado nas coisas administrativas, nas questões, para poder dar a minha opinião, dar o meu apoio e pensar a Escola, isso sim, não é? Embora não tenha tido muitos cargos, sempre fiz todos os movimentos: mudança de currículo, mudança de prédio, enfim, qualquer coisa que envolve a Escola, a gente está sempre muito ligado a ela. Nós estamos agora propondo a mudança de novo do Instituto de Ciências do Movimento Humano, que é uma idéia também que surgiu, uma opinião, uma sugestão que saiu dos meus estudos. Estamos encaminhando isso na tentativa de mudar o perfil de formação dos nossos alunos. Criar um curso de dança, um curso de fisioterapia aqui dentro, com a visão de corporeidade, uma visão diferente, uma filosofia diferente. Estou sempre atento a essas coisas, eu sempre estou envolvido em alguma comissão, alguma coisa, porque faz parte da minha vida. Essa Escola aqui, eu gosto dela, eu gosto de estar nela. E pretendo continuar nela até terminar a minha carreira. Construimos muita coisa aqui, vi muita coisa mudar, vi muita coisa nascer e muita coisa crescer, esse prédio aqui, por exemplo. Outros tantos... Eu estou muito ligado a essa Escola, isso faz com que a gente esteja sempre atento às coisas, não só nas lutas do poder, mas também nas lutas para que se consiga ter essa Escola cada vez num nível mais alto de qualidade, de competência, etc.

K.D. - Tu saíste da Escola pensando em ser professor dela?

³² Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³³ Conselho da Unidade

A.G. - Curioso isso! Bom, é sim, mais ou menos assim... Quando eu entrei aqui, imaginava ser professor de escola, queria ser preparador físico, era o sonho da minha vida, ser preparador físico, até cheguei a ser. Trabalhei com futebol um período, mas eu queria ser professor de educação física, dar aula em escola, trabalhar em clubes. Ao longo do curso, eu fui excluindo algumas áreas e aí fui criando a vontade de ser professor da Escola. Quando eu me formei, eu já tinha até um livro publicado. Eu trabalhava um pouco com treinamento desportivo e dava aula na especialização que tinha aqui, mas logo depois que eu me formei, eu fui para Cruz Alta³⁴. Lá dei aula na Faculdade de Cruz Alta durante um ano, professor de ginástica e basquetebol. Depois eu voltei para Porto Alegre³⁵ e trabalhei um período grande com cardiopatia isquêmica nas clínicas de Porto Alegre³⁶. E, a partir desse período... Então houve um concurso aqui, um concurso interno para duas vagas de basquetebol. Nesse concurso entrou o professor Eron Heinz³⁷, já falecido, eu acho, e eu. Isso já foi em 78 que eu comecei a dar aula aqui. E, a partir daí, a minha vida foi avançando de um modo curioso, porque eu fiz o mestrado... Nunca achei que fosse ser mestre na minha vida. Depois que fiz o mestrado, tinha que fazer doutorado então, foi indo... Tudo dentro da ESEF... Graças ao nosso trabalho aqui na ESEF. Depois surgiu a oportunidade de fazer o doutorado, através de um amigo meu, do Alfredo Ferreira Júnior e também dos professores portugueses Jorge Bento³⁸ e Max³⁹, que eu conheci e convivi em dois congressos no Brasil, um em Brasília e um no Rio de Janeiro... Começamos a preparar a minha ida para Portugal. Aí fui para Portugal, fiquei lá quatro anos, voltei e estou aqui na ESEF. Quer dizer, eu costumo dizer assim: “Eu sou uma pessoa feliz, porque eu nunca ambicionei”, vou dizer ao contrário: “porque eu recebi mais do que eu imaginava.” Eu nunca imaginava ser professor da ESEF e depois fui professor da ESEF, nunca imaginava ser mestre e virei mestre, nunca imaginava ter sido doutor e virei doutor, nunca imaginava ser professor na Europa, em Portugal, como eu sou. Meus sonhos foram acontecendo... Eu considero essa alegria da vida exatamente por isso, porque eu nunca fui uma pessoa... Nunca me frustrei por não conseguir as coisas, eu acho que até a vida me deu a mais do que eu podia imaginar, não que eu fique parado esperando, mas é que não me frustra o fato de não ter sido diretor da Escola, muito pelo contrário. Não me frustra o caso de... Não

³⁴ Cidade do Rio Grande do Sul

³⁵ Capital do Rio Grande do Sul

³⁶ Referência ao Hospital de Clínicas de Porto Alegre

³⁷ Nome sujeito a confirmação

³⁸ Jorge Olimpio Bento, atual diretor da Faculdade de Desportos da Universidade do Porto

tem, estou muito feliz com o que eu tenho, que esta Escola aqui me deixa muito feliz, eu gosto daqui. Não sei se interessa muito isto... Mas eu acho que a nossa Escola tem uma característica diferente. Por exemplo, pega o Guimarães, o Ricardo e eu, nós a trinta e cinco anos nós veraneamos na mesma praia, nós fizemos festa juntos, saímos junto, nós fomos colegas de faculdade, entramos na Universidade juntos, vivemos juntos nossos fins de semanas, nossos convívios são jantando na casa de um ou de outro e isso dá uma sensação muito forte. Vai para reuniões, por exemplo, pelo Brasil afora, o pessoal tem dificuldade de lidar conosco, exatamente porque nós três numa reunião, nos conhecemos por olhares. E se acrescentar a isto mais o Mário Brauner, mais o Moraes. Mesmo o professor Fortuna⁴⁰ que vem logo em seguida... É um grupo muito coeso, está muito tempo junto, eram estudantes juntos, eram contemporâneos juntos. Isso dá para a nossa Escola uma característica muito forte, uma firmeza muito grande, quem não foi nosso colega, foi nosso aluno aqui na Universidade, com raras exceções. Isso dá uma identidade muito forte para a nossa Escola.

K.D. - E quanto ao currículo, tu falaste antes de alteração de currículo, de ter discutido elas... Quais as mais significativas?

A.G. - Eu diria uma delas que eu participei muito, que para mim foi histórica. Foi a primeira mudança de currículo que nós fizemos daquele currículo que era mais de uma escola fechada, as disciplinas ano a ano... Era por ano naquele tempo, não era nem por semestre, ano a ano, depois semestre a semestre. Quando houve a primeira modificação de currículo, foi uma discussão ampla aqui na Escola, com os estudantes, os professores, várias assembléias, várias reuniões, que se fez a primeira modificação do currículo, que é este que está hoje por aí ainda. Essa foi a primeira vez que surgiram cadeiras opcionais/eletivas, o aluno podia escolher as cadeiras. Foi a primeira grande mudança de currículo, e esse movimento eu acho que nunca mais teve outro igual, tamanho envolvimento, os debates... Vinha muito aquela questão: “A minha disciplina, a minha disciplina, não aumenta”. Muito debate! Realmente foi feito coletivamente esse currículo, foi um grande avanço para aquela época, tanto é que ele permanece ainda hoje nas suas diretrizes gerais. E, agora, mudou de novo o currículo, de uma forma, no meu ponto de

³⁹ Nome sujeito a confirmação

⁴⁰ Newton Fernando Fortuna

vista, muito pouco participativa. A burocracia empurrou, mudaram o currículo, mas certamente isto vai ter que ser revisto, porque foi feito burocraticamente... Os alunos agora do bacharelado, licenciatura, nem sabem o que estão fazendo aqui dentro, porque não foi devidamente explicado isso. Essa foi uma segunda mudança... Eu acho que vai ter que retornar e reconstruir novamente, porque ela foi feita burocraticamente. Eu não me identifico nela, ninguém se identifica nessa mudança. Até porque eu sou a pessoa que não concordo com essa dicotomia do bacharelado e da licenciatura. Eu acho que é uma coisa muito complicada e perde aquilo que é essencial na Educação Física, que é a parte educacional, quer dizer, nós somos professores. E quer um professor que seja só um técnico? Eu acho que acaba com o que tem de mais importante na profissão. Mas está aí o currículo, estão idéias... Está aí colocado, acho que não tem que discutir muito esta questão sobre currículos. Mas aquela... Eu tenho até um trabalho, depois posso te mostrar, um trabalho que... Uma pesquisa que nós fizemos com os estudantes, que depois deu motivo a esse novo currículo. Foi um trabalho intenso, maravilhoso, participativo e, infelizmente, não se fez mais isso aqui na Escola, com tal envolvimento. Está na hora de fazer de novo, agora vamos ver se nesse Instituto da Ciência do Movimento Humano, se conseguimos envolver todo mundo. Ah, deixa eu falar um pouquinho sobre isso, não sei se tu vai perguntar, mas eu vou falar! Essa visão do novo Instituto. Isso aí muda fundamentalmente a visão da ESEF, sabe por quê? Em primeiro lugar, porque esse curso, ele vai ter uma filosofia de base, vai vir centrado numa filosofia da corporeidade. Então, o nosso centro de estudo é o corpo, nas suas várias possibilidades, nas suas várias vertentes, inclusive nas suas várias filosofias. Mas nós vamos ter uma base comum. Que é a cultura corporal do movimento humano, esse é o nosso objeto de estudo. Somos nós querendo avançar no sentido de ter um ensino mais contemporâneo, mais adequado ao mundo contemporâneo. Já na sexta-feira discutimos sobre isso, não vão ser disciplinas tradicionais, por exemplo. Até botamos um nome meio folclórico ou meio poético, que são as aventuras antropológicas da corporeidade, aventuras biológicas da corporeidade, aventuras epistemológicas... Onde vários professores de várias disciplinas vão interagir nesse corpo de conhecimento, com muita criatividade, com muitas vivências também. Eu acho que isso é uma coisa que poderá mudar claramente a nossa ESEF. E até porque serão vários cursos, tem o curso de Dança, Educação Física, Fisioterapia. E eu gostaria que tivesse Esportes também, mas isso aí é uma idéia minha que eu não tenho força suficiente e, possivelmente, vai ficar... Há um medo de que ao colocar Educação Física, colocar Dança, colocar

Esporte, eu descaracterize a Educação Física. Que é um questionamento justo que meus pares fazem e eu tenho que pensar melhor sobre isso. Mas acho legal! Importante é que a gente participe disso tudo e possa construir junto a nossa Faculdade.

K.D. - Mais uma grande mudança que se anuncia?

A.G. - Eu acho, me permite... Estou falando de uma forma mais ou menos informal, que nós estamos indo contra o tempo, nós estamos indo no caminho inverso do mundo contemporâneo. Quando o mundo contemporâneo se abre nas complexidades, quando o mundo contemporâneo se abre com uma abertura maior nas relações... Quando o mundo tenta de certa forma superar a especialização excessiva, a disciplina fechada, o sujeito fechado, quando o mundo tenta ir por outro caminho, nós da Educação Física resolvemos ao inverso, ficamos separando a Educação Física em bacharelado e não sei o quê. Estamos criando dentro de cada uma delas, ou seja, eu acho que tem que mudar isso realmente, eu acho que o caminho é pensar realmente isso e voltar a Educação Física mais voltada a sua globalidade, para a questão da sociedade, do corpo e não ter um cara da musculação, um da natação, um da dança, que só saiba fazer aquilo, não é? Eu não sou a favor da generalista, mas também não sou a favor do super especialista, eu acho que nós temos que ter um especialista com um lastro cultural e humano.

K.D. - Como é que o professor vê hoje, como professor de graduação, os alunos que estão na ESEF hoje?

A.G. - Eu divido os alunos da ESEF - claro que isso aqui é uma arbitrariedade minha, é uma forma que eu vejo, não há nenhum dado... A ESEF tem dois momentos diferentes: os que entram até o primeiro ano, segundo ano e os do segundo ano em diante. Quem dá aula sabe! Para os alunos que entram isso aqui é um grande clube. Vão jogar truco, tocar cavaquinho, passam o dia inteiro jogando bola e fazendo festa, mas a gente vê do meio do curso, principalmente nos últimos anos, um comprometimento muito grande. Eu tenho visto, por exemplo, como foi o teu caso... Mas alunos assim com uma formação fortíssima, sabendo o que querem, buscando o que querem e realmente alunos de alta capacidade intelectual, alta capacidade humana. Tenho visto a ESEF nos últimos tempos com olhos bastante otimistas. Eu trabalho com pesquisa e com metodologia da pesquisa e é uma coisa

que os alunos tem que doar-se muito para isso. Vejo assim cada ano que passa, as coisas melhorando muito realmente, agora...

[FINAL DA FITA 107/01-A]

A.G -... Que ele está avançando muito. Eu ainda penso que nós temos que avançar muito na área pedagógica. Eu acho que as áreas técnicas estão muito fortes, nós temos aqui profissionais maravilhosos: Guimarães, o Álvaro, o Jéferson⁴¹, o Marco Vaz⁴², não é? Na área pedagógica ainda eu acho que a nossa Escola está um pouco fraca naquilo que é a formação do professor realmente... Acho que está um pouco fraca ainda.

K.D. - Dentro do período que tu estiveste na Escola, te recordas de alguma mudança significativa? Ou de algum momento que a Escola tenha enfrentado uma dificuldade muito grande?

A.G. - Bom, tem várias questões aí que a gente poderia colocar, algumas mais folclóricas, outras mais sérias. Mas me passou pela cabeça... Antigamente os nossos diretores eram pessoas dedicadas a essa Escola de uma maneira incrível. Eu não vou citar nomes, mas os mais antigos eram pessoas, por exemplo, que não tinham... Eram profissionais de educação física, dedicados à Escola, mas não tinham um certo polimento social, digamos assim, para conviver na Universidade. Então, você vinha aqui, por exemplo, no fim de semana, encontrava o diretor em cima de um trator, cortando grama. Tem uma história famosa, que veio aqui uma vez o reitor dentro da Escola e o diretor da Escola estava com uma foice cortando grama lá no fundo do mato sem camisa. O reitor entrou, olhou e foi embora, nem quis conversar com ele. Isso é interessante realmente, as pessoas faziam as coisas aqui, pintavam as paredes, essa era uma fase que foi curiosa. Passamos para a segunda fase, que é a fase mais burocrática, mas uma fase também aonde o professor de Educação Física andava sempre de tênis e abrigo. E custou para gente ter uma vida universitária. As mudanças fundamentais, além dessa que eu te falei do currículo, aquela que eu te falei também da parte da ciência... Mudanças também importantes foram feitas na área da própria formação dos professores. Hoje os professores que vêm para cá, vêm com outra

⁴¹ Jefferson Fagundes Loss

⁴² Marco Aurélio Vaz

formação, uma formação mais, não que seja melhor, mas é diferente. Eu acho que os nossos antepassados fizeram as coisas com muito carinho, com muita competência dentro daquilo que era o seu perfil naquela época. Mas que outras mudanças teve de importante... Naquele tempo não podia dois alunos namorados se beijar. Teve um diretor que proibia até de sentar no jardim de mãos dadas. Tinha essas coisas todas que... Mas em compensação, o que era feito de malandragem, o que era feito de sacanagem, digamos assim... Era muito mais forte. Também tem um fato curioso: o professor Alduíno Zílio, vou dizer o nome dele, porque esta história todos conhecem... Ele era muito amigo dos estudantes, muito amigo dos alunos, e teve uma turma aqui da Escola, que era a turma do professor Mauri Fonseca⁴³, da nataçãõ, do Eraldo Salomão⁴⁴, várias pessoas que estão hoje conhecidas na Educação Física, que pelaram o professor! Pegaram ele no fundo da Escola e tiraram a roupa, deixaram ele pelado, deixaram ele pelado no meio do mato e vieram aqui para cima gritando que o professor tinha ficado louco, tinha tirado a roupa e deixaram o professor pelado lá no campo, não tinha essas questões... Outra vez também tinha um professor dando aula de olímpica, pendurado numa barra e o aluno chega e puxou os calções do professor. Tinha essas coisas também, mesmo naquele período que era... Tinha essas relações também. Mas, também podia se dizer, que todos eram mais adultos naquela época. Os estudantes todos tinham vinte, vinte e poucos, trinta anos, eram mais... Tem muitas coisas curiosas dentro da Escola. Nós tínhamos aqui um funcionário, era um senhor velhinho, Felicíssimo⁴⁵, que é uma pessoa incrível, muito idosa já, mas com uma agilidade incrível, uma pessoa muito folclórica também que cuidava da Escola. E, certa vez ele foi chamado pelo diretor que mandou ele cortar a grama em um certo lugar. Daí o vice-diretor mandou ele fazer outra coisa em outro lugar. Daí o diretor brigou com ele porque ele estava fazendo aquela coisa e não a que ele tinha mandado... Ele fez um escândalo, disse que o diabo tinha tomado conta da Escola, e que o demo tomou conta. Então o troço é folclórico... Os estudantes daquela época pegavam essas histórias e aumentavam as histórias. Quando houve a primeira vara de fibra de vidro para saltar, a vara de saltos... O professor dando aula dizendo: “Não pode deixar cair, não pode deixar cair.” Derrubavam... Era um troço assim mais ingênuo. Mas eram muitos amigos. Tem um professor dos nossos aí... Que gostava de tomar banho depois das aulas. O vestiário masculino era tudo aberto,

⁴³ Mauri Fernandes Fonseca, dono da Escola de Nataçãõ Prof Mauri Fonseca Ltda, localizada no Bairro Menino Deus, em Porto Alegre

⁴⁴ Nome sujeito a confirmação

⁴⁵ Felicíssimo Gomes de Almeida

tu tomavas banho, e tinha um professor nosso que começava a fazer xixi na perna dos outros que estavam tomando banho, até que um dia a turma pegou ele e todos fizeram xixi no professor. Essas brincadeiras assim ingênuas, coisas assim... Mas era de um grupo que vivia junto dentro da Escola. Não sei... É muito legal e gente pensar lá para trás e no que se vê hoje também aqui, as diferenças nas... Eram todos mais adultos e... Mas também tinha mais... Universidade mais segura, a gente podia vir para cá à noite, passar jogando bola aqui no campus. E tinha as famosas Sete de Setembro, que a ESEF desfilava e a ESEF abria o desfile de Sete de Setembro. Era um momento de muito orgulho para todos nós, sair com um abrigo azul-marinho da loja Petipá⁴⁶, todo azul-marinho, camisinha branca [palavra inaudível] da ESEF no peito, marchando Sete de Setembro abrindo o desfile. Claro depois na época da pós-revolução, aí houve contra-resposta, ninguém queria mais ir. Quando se descobriu... Ninguém vai mais, não vamos mais, os revolucionários aí deixaram de fazer o desfile. E nunca mais aconteceu isto realmente.

K.D. - Mas também os militares acabaram se afastando da Escola.

A.G. - Também, também! A Educação Física brasileira, tu sabe disso, era muito ligada aos quartéis.

K.D. - Mas além de tudo, neste período que tu entraste como professor, 78, a década de 80 foi uma década bastante conturbada na busca da identidade da Educação Física.

A.G. - Foi exatamente... Curiosa... Foi bom tu ter falado nisto, não é? Porque naquela época eu ainda fiz parte da diretoria do CBCE⁴⁷. Eu fiz parte da primeira e segunda diretoria que rompeu com o poder dos médicos, que curioso até foi bom tu ter falado nisto. Nós éramos escravos de duas corporações: ou a medicina, ou o quartel. Escapava do quartel, caía na medicina. E, curiosamente, quando nós vamos migrando para a parte mais científica, quem assume o comando da Educação Física é a Medicina Esportiva, não é? De Rose, Vitor Matsude⁴⁸, vários outros médicos que começaram a fazer a formação mais científica. O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte é comandado historicamente por

⁴⁶ Loja Petipá. Loja de artigos esportivos da cidade de Porto Alegre

⁴⁷ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

⁴⁸ Vitor Matsuda

médicos, Cláudio Gil⁴⁹, por esse Osmar de Oliveira⁵⁰, que é da Rede Record de Televisão, Vitor Matsude, o De Rose e outros tantos que comandavam... Faziam grandes eventos, grandes congressos para a Educação Física... Grandes congressos e o CBCE, sendo as pessoas todas da Educação Física, para aprender com os médicos, não é? E quando a Educação Física se engaja na área científica, principalmente nas áreas biológicas... Principalmente porque muitas professoras foram fazer mestrado fora do país, Estados Unidos, Alemanha e voltam a assumir... O outro grupo fica fazendo a formação no Brasil, principalmente nas áreas humanísticas, nas educações, nas sociologias da vida. Começa aqui a haver uma formação muito forte, nas ciências humanas na Educação Física. E é esse grupo então, que, do meu ponto de vista, forma a base, a conjuntura para que possamos: primeiro nos deparar contra os militares e depois, contra a classe médica. Isso vai acontecer dentro do CBCE... A Celi Taffarel⁵¹, Castelani⁵², Apolônio do Carmo⁵³, eu próprio, vários outros professores desse grupo, o Mauri⁵⁴ e outros tantos enfim. Esse grupo começa a articular uma eleição para o CBCE para eleger uma diretoria da Educação Física. Isso aconteceu em Brasília, numa grande assembléia que deu de tudo, tudo que tu podes imaginar de confusão. Ali se elegeu a primeira diretoria do CBCE que foi a diretoria com os professores de Educação Física. E, a partir dali, aumentou cada vez mais o fosso... Os médicos se retiraram, a Educação Física também começou a ser muito agressiva com relação a isso e o CBCE é hoje o que é: fruto disso... Quer dizer, eu acho que eu também não concordo com isso... O CBCE hoje virou uma sociedade da Educação Física e não é uma Sociedade de Ciências do Esporte. Eu acho que ela é muito mais voltada para um grupo de profissionais que tem uma mesma ideologia, um mesmo pensamento, ou seja, até afastaram, por exemplo, os grandes cientistas do esporte brasileiro, as áreas técnicas não sentem conforto em estar dentro do CBCE. Eu acho que essa gestão última tentou mudar isso, tem tentado mudar isso, mas eu acho que não tem sido muito feliz também. Isso foi uma questão muito importante essa mudança que também... A nossa independência em relação ao quartel, em relação à medicina e na formação da nossa identidade, os anos 80 realmente tu tem razão, era muito confuso, não se sabia muito bem qual o nosso papel... Muito hoje a gente não sabe muito bem também...

⁴⁹ Cláudio Gil Soares de Oliveira

⁵⁰ Osmar de Oliveira

⁵¹ Celi Nelza Zulke Taffarel

⁵² Lino Castelani Filho

⁵³ Apolônio Abadio do Carmo

K.D. - Mas no cotidiano da Escola acaba se refletindo isso de que maneira, tinha mais médicos no corpo de professores?

A.G. - Tinha, sem dúvida! Quem dava biomecânica era médico, quem dava fisiologia era médico, anatomia era médico, tinha socorros de urgência, era médico... A grande maioria eram médicos. E quem não era médico, era da Brigada Militar. O Coronel Targa⁵⁵, o Coronel Escobar⁵⁶, o Tenente Escobar na época, o Linhares⁵⁷, era tudo pessoal da Brigada.

K.D. - Quanto ao surgimento da pesquisa, da extensão na Escola, o senhor participou dessas discussões?

A.G. - Sim, a pesquisa eu participei dessa discussão. A pesquisa foi exatamente quando surgiu o LAPEX, o primeiro centro de pesquisa e a partir daí começou a aparecer a perspectiva dos cursos de especialização e as tentativas sistemáticas de criar o mestrado. A primeira delas foi a professora Lêne Gaelzer que tentou criar o mestrado, na área da recreação, lazer, na área da saúde e numa outra área, da ginástica esportiva, não saiu essa tentativa. Depois se juntou já nessa gestão nova – eu acho que era o Camargo o diretor, ou já era o Petersen, ou era o De Rose – começou a movimentação para fazer esse curso de mestrado. Eu me lembro também que nós tínhamos, naquela época, cinco doutores só na Escola. Que eram o Ricardo Petersen, o De Rose, Jorge Pinto Ribeiro, Camargo e eu que era livre docente. Aí havia a briga: Que mestrado? Levou muito tempo para discutir se o mestrado seria em Medicina Esportiva ou se seria Educação Física. Claro, se fosse Medicina Esportiva, os professores ficavam fora, se fosse Educação Física, os médicos ficavam fora. E a luta era por poder, porque realmente havia lutas políticas poderosas entre essas duas forças. E aí... Ciências do Movimento Humano, exatamente para poder pegar tanto os médicos, quanto os professores. Claro que a partir daí aconteceu, se multiplicaram os doutores professores e hoje o Programa não tem nenhum médico no corpo docente. Mas foi... Então isso começou muito... Bom, em termos da pesquisa, por exemplo, em mil novecentos e setenta e oito, não, mil novecentos e oitenta e poucos – não sei te dizer precisamente quando foi – foi primeira leva de professores, pelo Ministério da Educação,

⁵⁴ Francisco Mauri de Carvalho Freitas

⁵⁵ Jacinto Francisco Targa

⁵⁶ Acely Stroher Escobar

⁵⁷ Paulo Ubirajara Linhares

mandados para os Estados Unidos para fazer mestrado, onde foi o Guimarães, o Ricardo e o Fortuna aqui da Escola. Foram vinte e dois professores de Educação Física de todo o Brasil que foram para os Estados Unidos e que constituiu a primeira leva de pessoas que voltaram com a incumbência de implantar a pesquisa na Educação Física. Depois tem um segundo grupo, um terceiro para a Alemanha e esse pessoal onde estava aí o Go Tani, onde está o Barbanti⁵⁸, onde estavam... Enfim, essas pessoas mais da minha geração, por exemplo, que são aquelas pessoas que começam a transformar a educação física numa coisa mais de pesquisa científica, não é? E hoje está consolidado, quer dizer, nós temos grandes Universidades, grandes grupos de pesquisa, nossos laboratórios super equipados e boa produção científica. Nós temos professores aí bem conhecidos no Brasil e fora do Brasil também.

K.D. - E quanto à extensão, te recordas...

A.G. - A extensão, eu nunca tive muito ligado à extensão... Na realidade eu tive, fiz parte de um grupo um grupo de ginástica, de condicionamento físico... Depois fizemos várias outras atividades de extensão... Eu nunca fui muito ligado à questão da extensão. Não que eu não considere, eu considero de *suma* importância, mas é que a minha vida se virou mais para a pesquisa. Eu nunca estive muito envolvido com a extensão. Mas sem dúvida ela é aquilo que mantém a nossa Escola nos níveis que ela tem hoje. Nós temos essas salas, nós temos funcionários que deixam o pátio bonito como ele é... Se nós temos as condições que nós temos, é porque a extensão nos permite ter essa qualidade institucional. Eu acho que ela é de fundamental importância. E é o grande ícone da nossa ESEF da Universidade, é a extensão, sem dúvida nenhuma.

K.D. - Bom professor... Agradeço a entrevista...

A.G. - Eu que te agradeço e depois, se quiseres voltar com algumas outras questões que tu te lembrar, fica a vontade.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁵⁸ Nome sujeito a confirmação